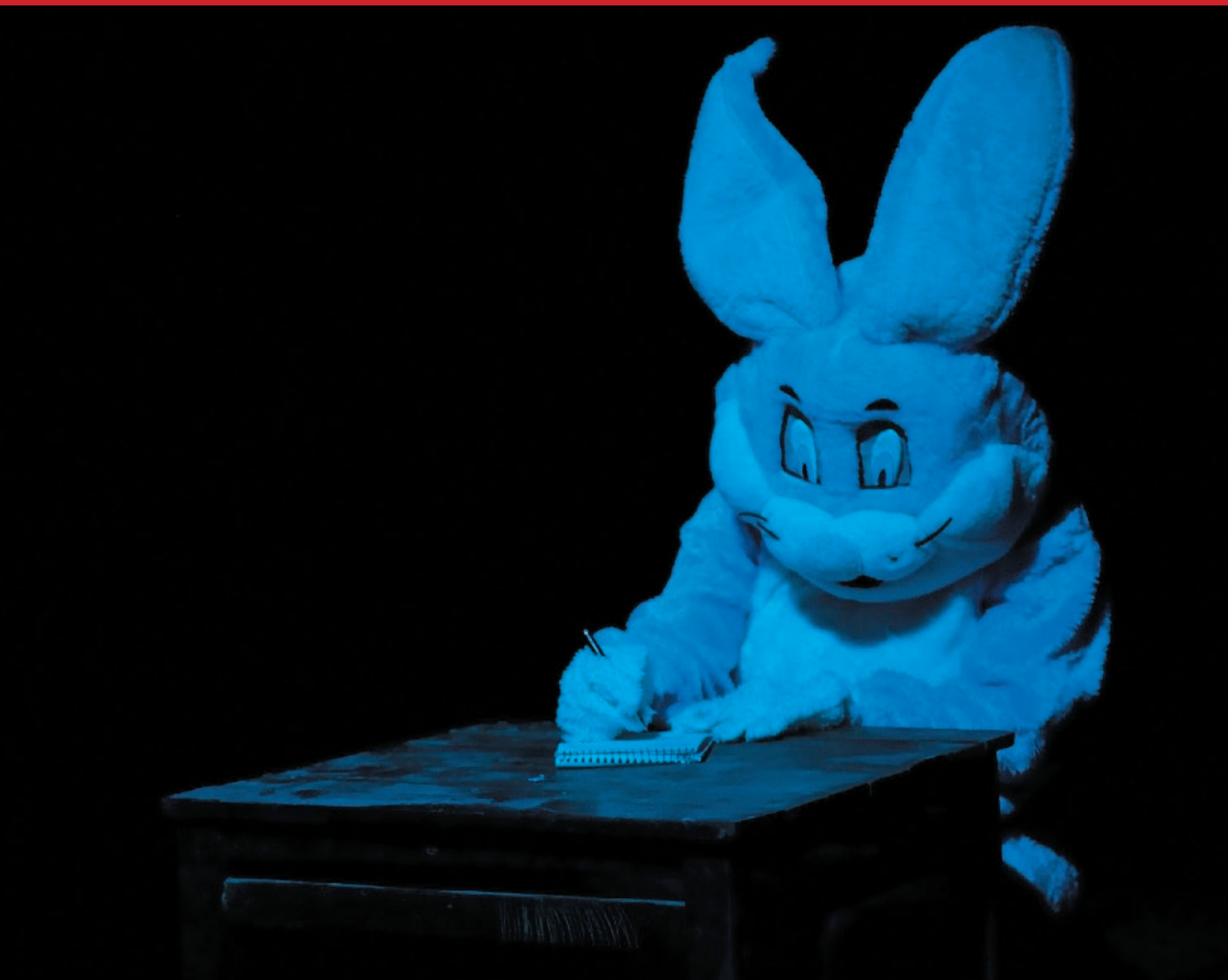
GRUPO GARAGEM 21

FODOROVSKA



Fumaça e música no ambiente.
No fundo do palco está Sono, um ser deitado em um banco.
Ele está de frente para o público, dormindo, imóvel.
No chão, ao lado do banco, há um guarda-chuva preto fechado.
Um grande relógio de parede sem ponteiros está suspenso no fundo central do palco.
No centro do palco há uma maca.
Homem está deitado nela, inconsciente.
Respira por meio de um tubo de oxigênio.
Está coberto, com apenas seu rosto e braços à mostra.
Veste uma camisola hospitalar e tem barba comprida e descuidada.
Há esparadrapos nos dedos das mãos e dos pés.
Um grande livro está em um pedestal na frente direita do palco.
Na frente esquerda do palco há uma pequena mesa.
Sobre ela há uma pilha de papéis em branco e um tinteiro.
Uma pessoa vestida de coelho está sentada em uma cadeira atrás da mesa.
Escreve com caneta bico de pena em uma folha amarelecida, alheia ao ambiente ao redor.
No chão, ao lado da cadeira, há um guarda-chuva preto fechado.
Em diferentes pontos do palco há papéis semiescritos e amassados.

(Enfermeiro 1 entra. Tem uma xícara de café em mãos. Para perto da maca, olhando fixamente Homem. Pausa. Enfermeiro 2 entra. Tem uma xícara de café em mãos. Para em outro lugar perto da maca, olhando fixamente Homem. Longa pausa. Começam a falar, sempre olhando fixamente para Homem. Música cessa)

ENFERMEIRO 1
(fatalista) Está mal.

ENFERMEIRO 2
(fatalista) Muito mal.

ENFERMEIRO 1
(fatalista) Cada vez pior.

(simultaneamente, os enfermeiros tomam um gole do café)

ENFERMEIRO 2
(demoníaco) Sem um rim.

ENFERMEIRO 1
(demoníaco) Sem fígado.

ENFERMEIRO 2
(demoníaco) Sem pulmões.

(simultaneamente, os enfermeiros tomam outro gole do café)

ENFERMEIRO 1
(acusando) Dizem que foi o uísque, a cachaça, a vodca.

ENFERMEIRO 2
(acusando) Heroína, epinefrina, anfetamina.

ENFERMEIRO 1
(acusando) Cigarro, pigarro, catarro.

ENFERMEIRO 2
(certeiro e rebuscando as palavras) Drops Kids... Hortelã.

(simultaneamente, os enfermeiros tiram a xícara do pires para tomar um novo gole de café. O Enfermeiro 1, estranhando o que Enfermeiro 2 falou, para repentinamente o movimento e observa Enfermeiro 2, que toma seu gole e depois coloca a xícara no pires. Percebe então que está sendo observado. Olha para o companheiro)

(constrangido) Desculpe. Me empolguei.

(Enfermeiro 1 toma seu gole e coloca a xícara no pires. Em seguida, os dois observam Homem fixamente. Longa pausa)

ENFERMEIRO 2
(sugerindo) E se mudássemos de lugar?

ENFERMEIRO 1
(achando a sugestão inútil) Para quê?

ENFERMEIRO 2
(majestoso) Para ter um novo ponto de vista.

(Enfermeiro 1 pensa e depois faz um sinal de positivo com a cabeça)

ENFERMEIRO 1
Está bem.

(simultaneamente, Enfermeiro 1 ocupa o lugar de Enfermeiro 2, que ocupa o lugar de Enfermeiro 1. Breve pausa)

ENFERMEIRO 2
(magnânimo) E então?

ENFERMEIRO 1
(sôfrego) Nada ainda. Ainda nada.

(simultaneamente, os dois viram de costas)

ENFERMEIRO 2
(magnânimo) E agora?

ENFERMEIRO 1
(sôfrego) Ainda nada. Nada ainda.

(simultaneamente, os dois tomam outro gole de café)

ENFERMEIRO 1
(filosofando, como um pseudossábio) É preciso refletir.

ENFERMEIRO 2
(filosofando, como um pseudossábio) Meditar um pouco.

ENFERMEIRO 1
(filosofando, como um pseudossábio) Pensar em todas as possibilidades. (pausa. Depois fala, majestoso) Assuma a posição de filosofia profunda.

(os enfermeiros ficam alegres como crianças. Correm para assumir a posição de grandes pensadores. Param cada um em determinado lugar ao redor da maca)

ENFERMEIRO 1
(majestoso) Muito bem. Muito bem. Está preparado?

(Enfermeiro 2 acena positivamente com a cabeça)

(como se estivesse dando uma bandeirada de Fórmula 1) Já!

(entra uma música. Os dois enfermeiros começam a caminhar aceleradamente em sentido horário ao redor da maca, em profunda meditação. A cada sete passos, param para tomar um gole de café. Depois do terceiro gole, começam a falar num turbilhão as possíveis doenças de Homem, sempre caminhando aceleradamente, mas agora parando para tomar café apenas nos pontos indicados pelas rubricas abaixo. Música cessa)

ENFERMEIRO 2
Câncer.

ENFERMEIRO 1
Hepatite.

ENFERMEIRO 2
Tuberculose.

ENFERMEIRO 1
Anemia.

ENFERMEIRO 2
Difteria.

ENFERMEIRO 1
Sarampo.

ENFERMEIRO 2
Asma.

ENFERMEIRO 1
Diverticulite.

ENFERMEIRO 2
Derrame.

ENFERMEIRO 1
Tendinite.

ENFERMEIRO 2
Aids.

ENFERMEIRO 1
Cirrose.

(os dois param. Meditam. Tomam um gole de café. Recomeçam a caminhada)

ENFERMEIRO 2
Doença de Chagas.

ENFERMEIRO 1
Parkinson.

ENFERMEIRO 2
Dengue.

ENFERMEIRO 1
Herpes.

ENFERMEIRO 2
Esquistossomose.

ENFERMEIRO 1
Gastrite.

ENFERMEIRO 2
Gonorreia.

ENFERMEIRO 1
Sífilis.

ENFERMEIRO 2
Astrocitoma.

ENFERMEIRO 1
Diabetes.

ENFERMEIRO 2
Drepanocitose.

ENFERMEIRO 1
Esclerose.

ENFERMEIRO 2
Osteoporose.

ENFERMEIRO 1
Acne.

ENFERMEIRO 2
Espinha.

ENFERMEIRO 1
Resfriado.

(os dois param. Meditam. Tomam um gole de café. Recomeçam a caminhada)

ENFERMEIRO 2
Escorbuto.

ENFERMEIRO 1
Raquitismo.

ENFERMEIRO 2
Asbestose.

ENFERMEIRO 1
Artrite.

ENFERMEIRO 2
Lúpus.

ENFERMEIRO 1
Talassemia.

ENFERMEIRO 2
Enurese.

ENFERMEIRO 1
Alzheimer.

ENFERMEIRO 2
Leucemia.

ENFERMEIRO 1
Hemofilia.

ENFERMEIRO 2
Hipertiroidismo.

ENFERMEIRO 1
Hipertensão.

ENFERMEIRO 2
Psoríase.

ENFERMEIRO 1
Epilepsia.

ENFERMEIRO 2
Anorexia.

ENFERMEIRO 1
Bulimia.

ENFERMEIRO 2
Azia.

ENFERMEIRO 1
Ebola.

ENFERMEIRO 2
Esofagite.

ENFERMEIRO 1
Botulismo.

ENFERMEIRO 2
Meningite.

ENFERMEIRO 1
Cólera.

ENFERMEIRO 2
Tétano.

ENFERMEIRO 1
Leptospirose.

ENFERMEIRO 2
Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiose.

(enfermeiros param a caminhada. Meditam. Enfermeiro 1 olha Enfermeiro 2)

ENFERMEIRO 1
(estranhando) Repete.

ENFERMEIRO 2
(estranhando) Como?

ENFERMEIRO 1
(ordenando) Repete!

ENFERMEIRO 2
(repetindo) Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiose.

(enfermeiros 1 toma outro gole do café)

ENFERMEIRO 1
(irritado) Isso nem existe!

ENFERMEIRO 2
(defendendo-se) Claro que existe.

ENFERMEIRO 1
(acusando) Mentira!

ENFERMEIRO 2
(defendendo-se) Mas está no livro.
No Guia Capa Dura das Multidões.

ENFERMEIRO 1
(acusando) Você é um mentiroso!
Não passa de um mentiroso vestido de palavras e avental!

ENFERMEIRO 2
(defendendo-se) Juro. Pode olhar.

(Enfermeiro 2 aponta para o grande livro. Enfermeiro 1 caminha até o livro. Folheia as páginas)

ENFERMEIRO 2
E então?

(Enfermeiro 1 aponta para uma palavra no livro. Olha para Enfermeiro 2. Acena positivamente com a cabeça. Em seguida, os dois novamente tomam um gole de café)

ENFERMEIRO 1
(resmungando) Está faltando açúcar.

(os enfermeiros saem de cena. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte)

SONO
(após breve tempo olhando o horizonte, rígida) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição por certo tempo. Volta à posição anterior. Dorme. Entra uma música. Coelho para de escrever. Olha o horizonte. Olha um papel no chão. Caminha até ele. Pega-o e o desamassa. Lê. Faz um sinal de negativo com a cabeça. Joga o papel. Olha outro papel. Caminha até ele. Pega-o e o desamassa. Lê. Faz um sinal de negativo com a cabeça. Joga o papel. Olha outro papel. Caminha até ele. Pega-o e o desamassa. Lê. Faz um sinal de positivo com a cabeça. Olha para a mesa. Caminha em direção à mesa, sempre lendo o papel. Senta. Medita. Coloca o papel escrito ao lado. Volta a escrever. Homem arregala os olhos, com o rosto voltado para a plateia. Respira com dificuldade. Passeia os olhos pela plateia. Depois, pelo palco. Olha para Coelho, que continua escrevendo, alheio ao mundo ao redor. Retira a máscara do rosto. Música cessa)

HOMEM
(sôfrego, para Coelho) Que horas são?

(pausa. Coelho continua alheio. Homem leva a máscara ao rosto. Respira. Remove a máscara)

(sôfrego, para Coelho) Que horas são?

(pausa. Coelho continua alheio. Homem leva a máscara ao rosto. Respira. Remove a máscara)

(sôfrego, para Coelho) Que horas são?

(Coelho continua alheio. Homem leva a máscara ao rosto. Olha o horizonte. Tira a máscara)

(melancólico) Houve uma época em que entendi.
(corrigindo-se) Ou quase entendi.
(magnânimo) O que estava para ser entendido.
(esperançoso) Teria sido bom... (caindo na realidade) se não fosse... (entristecendo) tão ruim.

(pausa. Respira novamente)

(para Coelho) Eles estão te alimentando?

(Coelho não responde)

(melancólico, para si) Só me oferecem um copo d'água.
(para Coelho) Quando eu insisto muito... jogam algumas migalhas de pão.
(para o horizonte) O pão é amanhecido e a margarina tem sabor de sapato velho.
(sorrindo) Mas é melhor do que nada.
(para Coelho) Não acha?

(Coelho não responde. Homem respira. Homem olha o ambiente. Retira a máscara)

(com asco) Este lugar merece uma limpeza.
(com soberba) Impossível escrever minha grande obra desse jeito.

(olha para Coelho)

(resmungando) Mas que diabos você está fazendo que nem conversa comigo?

(Coelho nada responde. Homem respira)

(resmungando novamente) Isso vai de mal a pior.

(pausa. Sente um incômodo no corpo)

(apalpando os rins) Nada por aqui.

(pausa)

(apalpando o fígado) Nem por aqui.

(pausa)

(apalpando os pulmões) Aqui também não.

(pausa. Homem olha a plateia. Em seguida, sem ter o que fazer, olha para Coelho)

(para Coelho, tendo uma ideia que considera genial) E se gargalhássemos um pouco?

(olha para a plateia. Gargalha. Para. Gargalha. Para. Gargalha. Para. Olha para Coelho)

(feliz) E então?
Não foi uma grande performance?

(isolado em seu mundo, Coelho faz um sinal de positivo com a cabeça, em referência a algo que escreveu. Homem pensa que o sinal de positivo foi para ele)

(alegre) Muito bem. Muito bem.
Estabelecido o primeiro contato.
(para Coelho) Será que já podemos trepar?

(sempre alheio ao mundo ao redor, Coelho faz um sinal de negativo com a cabeça, em alusão a algo que escreveu e de que não gostou. Novamente Homem acha que o gesto foi para ele)

(observando) Pelo visto você não é afeito a romances.
(lamentando) Que pena.
(sacana) Tenho certeza de que faríamos uma bela ninhada!

(pausa. Homem respira. Olha para o horizonte)

(relembrando) Uma vez eu sonhei que estava dormindo.
Tudo era silêncio ao redor.
Nenhum pássaro chiando. Nenhuma luz queimando. Nenhuma voz bradando seus lamentos.
Virava de um lado para outro como um inseto no meio do acidente.
A baba escorrendo no travesseiro.
O cheiro de corpo amanhecido.

(pausa)

(feliz) Daria um belo capítulo! (para Coelho) Não acha?

(sempre alheio ao mundo ao redor, Coelho faz um sinal de negativo com a cabeça, em alusão a algo que escreveu e de que não gostou. Novamente Homem acha que o gesto foi para ele)

(melancólico) O mesmo julgamento cruel.
Como ontem. Antes de ontem. Antes de antes de ontem. Antes de antes de antes de ontem. Antes de antes de antes de antes de ontem. Antes de antes de antes de antes de antes de antes de ontem. Antes de antes de antes de antes de antes de antes de antes de antes de ontem. Antes de antes de antes de antes de antes de antes de antes de antes de antes de ontem. Antes de antes de antes de antes de antes de antes de antes de antes de antes de antes de ontem.

(pausa)

(magnânimo) Tudo em seu devido lugar.

(respira com a máscara. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte)

SONO
(após breve tempo olhando o horizonte, rígida) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição por certo tempo. Volta à posição anterior. Dorme. Entra uma música. Velha 1 entra em cena. Tem um papelzinho em mãos e carrega uma mala. Homem a observa. Dá passos acelerados pelo palco, procurando um lugar. Para. Respira. Olha o papelzinho. Arranca em sua caminhada. Para. Respira. Olha o papelzinho. Arranca em sua caminhada. Para. Coloca a mala no chão. Senta na mala. Respira, olhando o horizonte. Velha 2 entra em cena. Homem a observa. Ela caminha muito lentamente em direção a Velha 1, que continua com o olhar fixo no horizonte. Senta. Respira. Olha o horizonte. Homem observa as duas velhas. Música diminui o volume)

VELHA 2
(lenta e exausta) Ainda falta muito?

VELHA 1
(lenta e exausta) Muito.

VELHA 2
(sôfrega) Sempre falta muito.

VELHA 1
(tentando filosofar) Ou pouco.

VELHA 2
É verdade.

(pausa)

VELHA 1
Você prefere que falte muito ou pouco?

VELHA 2
Tanto faz.

(pausa)

VELHA 1
É importante que falte muito às vezes.

VELHA 2
Também acho.

(pausa)

VELHA 2
(após pensar um pouco) Por quê?

VELHA 1
Está escrito.

VELHA 2
Ah.

(cada uma pega um leque. Ficam se abanando por longo tempo. Param)

VELHA 2
(após refletir) Onde?

VELHA 1
(sem entender) Onde o quê?

VELHA 2
Onde está escrito?

VELHA 1
No jornal.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Você leu?

VELHA 2
(sem entender) O quê?

VELHA 1
O jornal.

VELHA 2
(pesarosa) Meus olhos não funcionam como antes.

VELHA 1
(pesarosa) Antes faz muito tempo.

VELHA 2
É verdade.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Pois bem.

VELHA 2
(sem entender) Pois bem o quê?

VELHA 1
Eu li.

VELHA 2
Você conseguiu?

VELHA 1
Com muito esforço.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 2
E como anda?

VELHA 1
(sem entender) Como anda o quê?

VELHA 2
O mundo.

VELHA 1
Muito bem.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Menos para o Ivan Lins.

VELHA 2
Por quê?

VELHA 1
Morreu.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Sabe quem morreu também?

VELHA 2
Quem?

VELHA 1
Belchior.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Sabe quem também morreu?

VELHA 2
Quem?

VELHA 1
Ivete Sangalo.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Para você ver.

VELHA 2
O quê?

VELHA 1
Para morrer basta estar vivo.

VELHA 2
É verdade.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 2
E então?

VELHA 1
Então o quê?

VELHA 2
Já acabou a nossa cena?

VELHA 1
Acho que sim.

(música aumenta de volume. As velhas voltam a se abanar por algum tempo. Param. Guardam os leques. Levantam-se. Velha 1 pega a mala e sai aceleradamente. Velha 2 tenta segui-la, andando muito vagarosamente. Após um tempo, Velha 1 retorna e sai arrastando Velha 2 consigo. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte. Música cessa)

SONO
(após breve tempo olhando o horizonte, rígida) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição por certo tempo. Volta à posição anterior. Dorme. Homem remove a máscara)

HOMEM
(professoral) É preciso manter os pés no armário.
Os pés no armário e os tamancos no chão.
(sublime) As sapatilhas para a nova guerra!

(olha para Coelho)

(imperial) Onde está a minha espada?

(procura a espada. Encontra)

E se tivéssemos visão panorâmica?

(fica em pé sobre a maca. Golpeia o ar. Primeiro à direita, depois à esquerda. Para)

(saudosista) Você lembra quando a gente era jovem?
Subíamos no topo do mundo.
Espancávamos o sol...
E seduzíamos a lua.

(golpeia à direita. Golpeia à esquerda. Para)

Ainda não havia cabelo branco.
Barriga flácida.
Cirrose no joelho traseiro.
O mundo era jovem!

(golpeia à direita. Golpeia à esquerda. Para)

(majestoso) Todas as estradas levavam a algum lugar.
Todos os livros eram lidos.
Todas as páginas eram escritas.
(golpeando o ar) Meu verbo é minha lâmina!
Meu verbo é minha lâmina!
Meu verbo é minha lâmina!

(ajoelha na maca e olha para Coelho)

(para Coelho) Lembra?

(absorto em seus escritos, Coelho acena negativamente com a cabeça)

(irritado) Você é um animal inútil!
Uma anta esquizofrênica que só escreve palavras insignificantes.

O dia inteiro sentado.
A noite inteira sentado.
Sem conseguir passar da primeira linha.
(magnânimo) Se ao menos tivesse o meu talento...

(Coelho olha para os papéis. Levanta-se e caminha em direção a um deles)

(assustado) Aonde você vai?
(pedindo, sacana) Que tal trazer uma tequila?
Faz tempo que não bebo tequila.

(Coelho pega o papel. Desamassa-o. Lê. Faz um sinal de negativo com a cabeça)

(lamentando) Desculpe.
Eu era jovem. Muito jovem.
Mal sabia escrever.

(Coelho amassa o papel e joga-o ao chão. Olha os papéis jogados no chão)

(apontando, feliz como criança) Pega o da direita! Aquele da direita!

(Coelho escolhe, com o olhar, um papel à esquerda. Caminha em direção a ele)

(irritado) Mas aonde você vai? Não é esse o caminho!

(Coelho pega o papel. Desamassa-o. Lê. Faz um sinal de negativo com a cabeça)

(como uma criança mimada) Eu avisei. Eu avisei.
Você não quis ouvir.

(Coelho amassa o papel e joga-o ao chão)

(apontando um papel, feliz como uma criança) Pega aquele! Pega aquele!

(Coelho olha o papel indicado por Homem. Caminha em direção a ele. Pega o papel. Desamassa-o. Lê. Faz um sinal de positivo com a cabeça)

(alegre) Eu sabia que você ia gostar.

(Coelho caminha de volta para a cadeira, lendo o papel. Senta)

(magnânimo) Minha melhor página.

(Coelho para de ler. Pega uma tesoura. Começa a cortar o papel)

(espantado e furioso) Mas que diabos você está fazendo, Duracell?

(avança em direção a Coelho, que o joga violentamente no chão. Olha o horizonte)

(magnânimo) Muito bem. Muito bem.
Até que é uma bela oportunidade.
Ver as coisas sob outro ângulo.
Uma nova perspectiva.

(pausa. Olha o horizonte)

(rabugento) Nenhuma melhora.

(ajeita-se em uma posição estranha)

(rabugento) Daqui também não.

(ajeita-se em outra posição estranha)

(rabugento) Ainda não.

(ajeita-se em outra posição estranha)

(feliz e soberbo) Sim, sim.
Finalmente uma linda visão.
Duzentos e dezessete morcegos de gravata.
Cinquenta e nove pinguins cantando na geladeira.
Uma virgem deflorada por três hipopótamos bêbados.
(magnânimo, louvando) Que belo futuro nos aguarda!

(pausa)

(tendo uma ideia genial) E se fechássemos os olhos?

(fecha os olhos e finge ser cego. Caminha pelo tateando o ar com as mãos)

(desesperado) Estou cego! Estou cego! Estou cego!
São Jeremias de Todas as Paçocas...
São Paulo do Pagode Novo...
Santa Genoveva da Vagina Peluda...
Acode eu!

(para de caminhar)

(triste) Ninguém.
(movimenta a cabeça para a direita) Ninguém à direita.
(movimenta a cabeça para a esquerda) Ninguém à esquerda.
(movimenta a cabeça para o centro) Ninguém ao centro.

(três cegos entram em cena, todos com bengala e óculos escuros. Cada um caminha isoladamente por diferentes pontos do palco, como transeuntes numa metrópole. Saindo por um momento da brincadeira de cego, Homem observa o movimento ao redor, espantado)

(tendo outra ideia genial) E se pedíssemos uma esmola?

(senta no chão como um mendigo, novamente cego, e pede esmola)

(esmolando, sentado no chão) Uma esmola para um cego! Uma esmola para um cego!

(como ninguém lhe dá esmola, apoia-se sobre os joelhos para fingir não ter parte das pernas)

Uma esmola para um cego!
Um cego ferido de guerra!
Os estilhaços da bomba nas pernas... um cotoquinho humano.

(vira-se de costas, com as pernas esticadas, os braços à frente do corpo e a cabeça abaixada)

(fingindo não ter braços, pernas e cabeça) Uma esmola para um cego ferido de guerra!
Sem os pés. Sem as mãos. Sem cabeça e pescoço.
Apenas um tronco jogado no asfalto.
O fígado destruído, os rins obstruídos, o intestino corroído.

(vendo que ninguém lhe dá esmola, Homem vira de frente para o público, interrompendo o fingimento de que é cego e aleijado. Olha o horizonte)

(triste, para o público) Às vezes a gente se sente...
Como um... Como um cachorro.

(entra uma música. Um osso e uma coleira são atirados para dentro do palco, perto de onde está Coelho. Homem olha os objetos. Olha para o público. Olha novamente os objetos. Rasteja melancolicamente em direção a eles. Pega a coleira. Coloca no pescoço. Torna-se então um cachorro. Late para Coelho. Assustado, mas continuando sua escrita, Coelho fica em pé na cadeira. Homem começa então a portar-se como um cachorro babão. Morde o osso. Caminha como um cachorro feliz até outro ponto do palco, com o osso na boca. Para. Olha para o público e começa a abanar um imaginário rabinho, sentindo imensa felicidade. Deixa o osso cair de sua boca. Começa a lamber o osso que está no chão. Cego 1 passa ao lado dele e puxa-o pela coleira. Música cessa)

(passeando com Cego 1) Ela vinha todas as terças.
Todas as terças ela vinha.
Trazia as compras da semana.
(lembrando, feliz) Ração, carne, ossos, desinfetantes.
Uísque, vodca, cachaça, antiácidos.
E pulgas. Muitas pulgas famintas.

(Cego 2 passa por eles e rouba a coleira)

(passeando com Cego 2) Não era bonita e fedia a perfume barato.
Fedia a perfume barato e não era bonita.
(sacana) Mas tinha um rabinho gentil.
E por três Doguitos trepava comigo.

(Cego 3 passa por eles e rouba a coleira)

(passeando com Cego 3) A trepada não era boa.
(explicativo) Mas... como disse... (louvando) ela tinha rabo.

(Cego 2 passa por eles e rouba a coleira)

(passeando com Cego 2) O cheiro de sexo e álcool me causava certa azia.
Eu tentava não vomitar para não incomodá-la.
Mas meu fígado não acompanhava.

(Cego 1 passa por eles e rouba a coleira)

(passeando com Cego 1) Nos primeiros meses ela insistia em limpar a casinha.
Depois foi se acostumando.
Os restos de comida espalhados...
O cheiro de azedo...
Gotas de esperma no lençol.

(Cego 3 passa por eles e rouba a coleira)

(passeando com Cego 3) Também trazia as folhas brancas.
Páginas e mais páginas que deveria preencher com a genialidade de meu cérebro canino!

(Cego 1 passa por eles e rouba a coleira)

(passeando com Cego 1) Faltavam alguns instantes.
Apenas alguns instantes para começar meu grande livro.
A maior obra da literatura animal!

Todos saberiam enfim de que sou feito!
(sonhador) Fariam reverências para mim.
Deitariam em meu tapetinho felpudo.
E espremeriam o sumo de minha sapiência.

(Cego 3 passa por eles e rouba a coleira)

(passeando com Cego 3) Nunca mais veria minha chow chow boliviana e suas pulgas famintas.
Seu perfume barato. Seu rabo sarnento.
(magnânimo) Teria em meu leito as mais belas poodles.
As beagles hollywoodianas fariam fila para trepar comigo.
Todas as chihuahuas ergueriam altares com réplicas do meu pau ereto.
(esperançoso) E eu quase sentiria essa coisa que chamam de felicidade.

(Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte por instantes)

SONO
(olhando o horizonte, rígida) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição. Surge uma música. Os enfermeiros entram, cada um com sua xícara. Param. Tomam um gole de café. Todos olham para eles, exceto Coelho. Os cegos tiram os óculos e param de fingir cegueira. Saem de cena, temerosos. Os enfermeiros olham para Homem, que fica imóvel. Tomam outro gole de café. Olham para Sono. Sono abaixa o braço, assustada. Enfermeiro 1 dá um comando com o braço. Enfermeiro 2 caminha até Sono. Dá a xícara de café para ela. Retira do bolso uma fita adesiva. Amordaça-a. Guarda a fita. Olha-a fixamente. Pega a xícara. Sono deita no banco e permanece imóvel. Enfermeiro 2 caminha até o local em que está Enfermeiro 1. Para ao lado dele. Os dois tomam um novo gole de café. Enfermeiro 1 dá um novo comando com o braço. Enfermeiro 2 caminha até Homem. Pega-o pela coleira e o conduz até a maca, como um cachorro. Homem se deita na maca. Enfermeiro 2 entrega a xícara para Homem. Retira do bolso um grande pirulito colorido. Desembrulha o pirulito. Homem abre a boca e fica com ela aberta por alguns instantes. Enfermeiro coloca o pirulito na boca de Homem, que começa a chupá-lo sem usar as mãos para segurá-lo. Cobre-o com o lençol. Olha-o fixamente. Pega a xícara. Enfermeiro 1 se aproxima da maca. Ambos olham para Homem. Tomam um novo gole de café. Coelho continua em pé no banco, escrevendo. Música cessa)

ENFERMEIRO 1
(fatalista) Está mal.

ENFERMEIRO 2
(fatalista) Muito mal.

ENFERMEIRO 1
(fatalista) Cada vez pior.

(simultaneamente, os enfermeiros tomam um gole do café)

NFERMEIRO 2
(demoníaco) Não passa de amanhã.

ENFERMEIRO 1
(demoníaco) Depois de amanhã.

ENFERMEIRO 2
(demoníaco) Depois de depois de amanhã.

(simultaneamente, os enfermeiros tomam outro gole do café)

ENFERMEIRO 1
(acusando) Dizem que foi a TV, o computador, o jornal.

ENFERMEIRO 2
(acusando) Punhalada, coronhada, garfada.

ENFERMEIRO 1
(acusando) Tiro, retiro, suspiro.

ENFERMEIRO 2
(certeiro e rebuscando as palavras) Colomba Pascal... Bauducco.

(simultaneamente, os enfermeiros tiram a xícara do pires para tomar um novo gole de café. O Enfermeiro 1, estranhando o que Enfermeiro 2 falou, para repentinamente o movimento e observa Enfermeiro 2, que toma seu gole e depois coloca a xícara no pires. Percebe então que está sendo observado. Olha para o companheiro)

(constrangido) Desculpe. Me empolguei.

(enfermeiro 1 toma seu gole e coloca a xícara no pires. Em seguida, os dois observam Homem fixamente. Longa pausa)

ENFERMEIRO 2
(sugerindo) E se rezássemos um pouco?

ENFERMEIRO 1
(achando a sugestão inútil) Para quê?

ENFERMEIRO 2
(majestoso) Para encontrar uma nova inspiração.

(Enfermeiro 1 medita)

ENFERMEIROS 1
Está bem.

(os enfermeiros ajoelham e começam uma reza incompreensível. Após tempo, param de rezar)

ENFERMEIRO 2
(magnânimo) E então?

ENFERMEIRO 1
(sôfrego) Deus não responde.

ENFERMEIRO 2
(sôfrego) Buda não responde.

ENFERMEIRO 1
(sôfrego) Krishna não responde.

ENFERMEIRO 2
(sôfrego) Javé não responde.

ENFERMEIRO 1
(sôfrego) Iemanjá não responde.

ENFERMEIRO 2
(sôfrego) Chacrinha não responde.

(simultaneamente, os enfermeiros tomam um gole do café)

ENFERMEIRO 1
(filosofando, como um pseudossábio) É preciso refletir.

ENFERMEIRO 2
(filosofando, como um pseudossábio) Meditar um pouco.

ENFERMEIRO 1
(filosofando, como um pseudossábio) Pensar em todas as possibilidades. (Pausa. Depois fala, majestoso) Assuma a posição de inteligência profunda.

(os enfermeiros ficam alegres como crianças. Andam sobre os joelhos até outro ponto do palco para assumir a posição de grandes pensadores. Param. Colocam a xícara ao lado)

ENFERMEIRO 1
(majestoso) Muito bem. Muito bem.
(alegre) Está preparado?

(Enfermeiro 2 acena positivamente com a cabeça)

(como se estivesse dando uma bandeirada de Fórmula 1) Já!

(assumem a posição de sapos)

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

(estranhando a situação, aos poucos Coelho também começa a olhar para os enfermeiros)

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Zãr.

(os dois se olham. Ficam felicíssimos. Começam a pular e soltar os sons aceleradamente)

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Zãr.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Zãr.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Zãr.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Zãr.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Zãr.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Zãr.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Bãd.

ENFERMEIRO 2
(dando um pulo como se fosse um sapo) Uai.

ENFERMEIRO 1
(dando um pulo como se fosse um sapo) Zãr.

(Homem, Coelho e Sono se olham. Coelho desce da cadeira e Sono senta no banco. Homem e Coelho caminham até o centro frontal do palco. Observam os outros. Homem tira o pirulito da boca. Entrega para Coelho)

HOMEM
(fazendo um sinal com as mãos, para enfermeiros e Sono) Tempo! Tempo! Tempo!

(enfermeiros param a movimentação. Olham para Homem)
(bronqueando) Que porra é essa? Por acaso estamos num filme do David Lynch?

(enfermeiros abaixam a cabeça. Coelho caminha até sua mesa. Guarda o pirulito. Apanha uma garrafa d'água. Olha para Enfermeiro 2. Caminha até ele. Dá a água. Ele bebe. Devolve a água. Abaixa a cabeça. Coelho olha para Enfermeiro 1. Caminha até ele. Oferece a água. Ele bebe. Devolve a água. Abaixa a cabeça. Coelho caminha até o centro frontal do palco. Para ao lado de Homem, novamente de costas para o público)

E então? Podemos continuar?

(enfermeiros e Sono suspendem o braço, pedindo para Homem esperar. Enfermeiros pegam a xícara de café e posicionam-se ao redor da maca. Ficam imóveis. Sono deita no banco. Coelho volta para sua cadeira e senta. Guarda a água. Homem deita na maca e se cobre)

E agora?

(todos olham para Homem e fazem um sinal de positivo com as duas mãos, sendo que os enfermeiros fazem o gesto com a xícara nas mãos e Sono faz o gesto deitada. Em seguida, entra uma música. Simultaneamente, Sono dorme, os enfermeiros começam a caminhar ao redor da maca, Coelho volta a escrever e Homem respira com auxílio da máscara. Após alguns instantes, Homem interrompe a cena. A cada sete passos, os enfermeiros param para tomar um gole de café. Depois do terceiro gole, começam a falar novamente, mas a partir desse momento param para tomar café apenas no ponto indicado pela rubrica. Música cessa)

ENFERMEIRO 1
(sugerindo) Você já tentou sorrir um pouco?

ENFERMEIRO 2
(sugerindo) Chorar um pouco?

ENFERMEIRO 1
(sugerindo) Cantar um pouco?

ENFERMEIRO 2
(sugerindo) Drogar-se um pouco?

ENFERMEIRO 1
(sugerindo) Beber um pouco?

ENFERMEIRO 2
(sugerindo) Suicidar-se um pouco?

(os dois param. Meditam. Tomam um gole de café. Recomeçam a caminhada)

ENFERMEIRO 2
Pode ser que seja bom!

ENFERMEIRO 1
Que seja ruim!

ENFERMEIRO 2
Que seja grave!

ENFERMEIRO 1
Que seja agudo!

ENFERMEIRO 2
Um canto minimalista.

ENFERMEIRO 1
Uma música episcopal.

ENFERMEIRO 2
Roberto Carlos na vitrola.

ENFERMEIRO 1
Velas para Ogum.

ENFERMEIRO 2
Uma manjubinha à beira da praia.

ENFERMEIRO 1
O sol escaldante.

ENFERMEIRO 2
A cerveja gelada.

ENFERMEIRO 1
Os peitos na televisão.

ENFERMEIRO 2
A jovem deitada na cama.

ENFERMEIRO 1
A vagina exposta.

ENFERMEIRO 2
A camisinha na mão.

(os enfermeiros param. Meditam. Tomam um gole de café. Olham-se. Olham para Sono. Caminham até perto dela. Sentam no chão, sobre as pernas e de costas para o público, um ao lado do outro, olhando-a fixamente. Colocam a xícara no chão. Ajoelham-se. Desabotoam as calças. Entra uma música em alto volume. Os enfermeiros começam a se masturbar. Ao mesmo tempo, Sono faz seu movimento e sons costumeiros no meio da masturbação, mas agora estando amordaçada, o que faz com sua frase fique incompreensível. Enfermeiros ficam longo tempo nessa ação. Gozam. Deitam no chão, extasiados após o gozo. Música cessa)

ENFERMEIRO 1
(extasiado após o gozo) Uma bela performance!

ENFERMEIRO 2
(extasiado após o gozo) Não acha?

ENFERMEIRO 1
(extasiado após o gozo) A temperatura certa.

ENFERMEIRO 2
(extasiado após o gozo) A posição certa.

ENFERMEIRO 1
(extasiado após o gozo) A musa certa.

(os enfermeiros arrumam as calças)

ENFERMEIRO 1
E se lavássemos as mãos?

(pegam as xícaras. Bebem. Saem de cena. Homem olha o horizonte. Remove a máscara)

HOMEM
(magnânimo) Daria uma bela obra. A minha vida.
(para Coelho) Não acha?

(absorto em seus escritos, Coelho acena negativamente com a cabeça)

(magnânimo) Mil trezentas e cinquenta páginas em branco.
Editada em grego futurista...
Alemão ortodoxo... Mandarim episcopal.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

A edição de bolso em todos os hipermercados...
Todas as lojas de conveniência...
Nas mais admiradas sex shops.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

Seríamos maiores que Paulo Coelho!
Glória Perez!
Bruna Surfistinha!

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

Só falta um pouco de romance.
Um pouco de romance para virar um longa nacional.
Um blockbuster hollywoodiano.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

Keanu Reeves no papel principal...
Daniel Filho na direção...
E coestrelando... (aponta para Coelho) Roger Rabitt!

(olha para Coelho)

Que acha?
Gostaria de ser meu muso supremo?
Daríamos as mãos e caminharíamos até o parque...
Uma trepada no arbusto.
A camisinha no passeio ciclístico...
E em cento e oitenta meses...
Uma soberba ninhada de mascadores de cenouras!

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

Não é uma brilhante ideia?

(absorto em seus escritos, Coelho acena negativamente com a cabeça)

Mas antes é preciso comprar perfumes.
Ir ao shopping e encontrar as mais belas fragrâncias...
As mais rebuscadas essências...

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

(com certo asco) Sabe...
Há muito tempo que eu não fazia.
Muito tempo.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

(alegre como criança) Mas hoje eu fiz! Eu fiz! Eu fiz!
Está um cheiro... (cheira a si mesmo) desagradável.

(olha para Coelho)

Será que você pode me limpar?

(absorto em seus escritos, Coelho acena negativamente com a cabeça)

(irritado, sobre os enfermeiros) Também, com toda essa demora!

(olha para fora de cena, pelo lugar por onde saíram os enfermeiros)

(curioso) Que você acha que eles fazem lá dentro?

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

Sim, sim.
Dissecam cadáveres.
As tripas no chão...
Os corpos estragados...

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

Corpos de outros coelhos.

(Coelho levanta a cabeça e olha o horizonte, ficando estático)

Eram treze quando você chegou.
Não é verdade?
Agora só resta você.
Nunca pensou nisso?

(Coelho levanta. Caminha até Homem. Amordaça-o. Volta à mesa. Recomeça a escrita. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte)

SONO
(olhando o horizonte, rígida e amordaçada) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista. Volta à posição anterior. Dorme. Entra uma música. Velha 1 entra. Tem o papel em mãos e a mala. Dá passos acelerados pelo palco. Para. Respira. Olha o papel. Arranca. Para. Respira. Olha o papel. Arranca. Para. Coloca a mala no chão. Senta na mala. Respira, olhando o horizonte. Velha 2 entra em cena. Caminha lentamente em direção a Velha 1. Senta. Respira. Olha o horizonte. Homem observa as duas. Música diminui)

VELHA 2
(lenta e exausta) Ainda falta pouco?

VELHA 1
(lenta e exausta) Pouco.

VELHA 2
(sôfrega) Sempre falta pouco.

VELHA 1
(tentando filosofar) Ou muito.

VELHA 2
É verdade.

(pausa)

VELHA 1
Você prefere que falte pouco ou muito?

VELHA 2
Tanto faz.

(pausa)

VELHA 1
É importante que falte pouco às vezes.

VELHA 2
Também acho.

(pausa)

VELHA 2
(após pensar um pouco) Por quê?

VELHA 1
Estava escrito.

VELHA 2
Ah.

(cada uma pega um leque. Ficam se abanando por longo tempo. Param)

VELHA 2
(após refletir) Onde?

VELHA 1
(sem entender) Onde o quê?

VELHA 2
Onde estava escrito?

VELHA 1
Na legenda.

VELHA 2
(sem entender) Que legenda?

VELHA 1
Do filme.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Você assistiu?

VELHA 2
(sem entender) O quê?

VELHA 1
Ao filme.

VELHA 2
(pesarosa) Meus olhos não funcionam como ontem.

VELHA 1
(pesarosa) Ontem faz muito tempo.

VELHA 2
É verdade.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Pois bem.

VELHA 2
(sem entender) Pois bem o quê?

VELHA 1
Eu assisti.

VELHA 2
Você suportou?

VELHA 1
Quase desisti.

VELHA 2
Desistir é importante.

VELHA 1
É verdade.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 2
E como anda?

VELHA 1
(sem entender) Como anda o quê?

VELHA 2
A vida.

VELHA 1
Muito bem.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Menos para o Tony Ramos.

VELHA 2
Por quê?

VELHA 1
Morreu.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Sabe quem morreu também?

VELHA 2
Quem?

VELHA 1
Regina Duarte.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Sabe quem também morreu?

VELHA 2
Quem?

VELHA 1
Silvio Santos.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 1
Para você ver.

VELHA 2
O quê?

VELHA 1
Passarinho que anda com morcego... acaba dormindo de ponta-cabeça.

VELHA 2
É verdade.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 2
(sem entender) Mas o que isso tem a ver?

VELHA 1
Gostei da frase.

VELHA 2
Ah.

(voltam a se abanar por algum tempo. Param)

VELHA 2
E então? Já acabou a nossa cena?

VELHA 1
Acho que não.

(voltam a se abanar. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte)

SONO
(após breve tempo olhando o horizonte, rígida) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição por certo tempo. Volta à posição anterior. Dorme. Homem olha para Coelho. Retira a mordaça)

HOMEM
(majestoso) Sim, sim.
Está terminando.
Agora é o momento...
Momento de ser melodramático!

(olha para Coelho)

(magnânimo) Preparado? Preparado para minha performance final?

(absorto em seus escritos, Coelho acena negativamente com a cabeça. Sem ligar para Coelho, Homem continua sua apresentação)

É preciso morrer.
Morrer para conquistar o público!

(Homem se arruma para sua grande morte)

Que seja... agora!

(faz um gesto melodramático e morre. As velhas param de se abanar)

VELHA 1
Sabe quem morreu?

VELHA 2
Quem?

(bruscamente, Homem retorna à vida)

HOMEM
(magnânimo) Mas antes... um discurso!

(respira com uso da máscara. As velhas olham para Homem. Voltam a olhar o horizonte)

VELHA 1
Ninguém.

(voltam a se abanar. Homem remove a máscara)

HOMEM
(sôfrego) Uma resposta.
É preciso encontrar apenas uma resposta.
As perguntas não interessam.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

(tentando ser convicto) Eu tenho certeza... Que se eu tivesse certeza... Eu estaria certo.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

(para o público) Sabe quando tudo é lilás...
E você se sente assim...
Meio azul... Meio verde... Meio desbotado?

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

As coisas parecem ruir à sua frente e você nem se importa.
Quer mais que a plantação seja devastada...
Que os náufragos não encontrem as ilhas...
Que as luzes se apaguem e o espetáculo cabe.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

Sem vaias... Sem aplausos.
Somente um ator ignorante num teatro vazio.

(respira com auxílio da máscara. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte)

SONO
(após breve tempo olhando o horizonte, rígida e amordaçada) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição por certo tempo. Volta à posição anterior. Dorme. Velhas param de se abanar)

VELHA 2
(olhando fixamente o horizonte, sem entender) O que foi que ele disse?

VELHA 1
(sem entender) Acho que alguma coisa sobre o preço do ingresso.

VELHA 2
Ah.

(velhas voltam a se abanar. Homem remove a máscara)

HOMEM
Se eu tivesse sido um pouco menos furioso...
Um pouco menos arrogante... Um pouco menos triste.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara)

Se eu tivesse gritado mais...
Brigado mais... Ou então apanhado mais.

(respira com o auxílio da máscara. Remove a máscara)

Tivesse lido as frases com atenção...
Comprado os óculos na farmácia do coreano...
Procurado aquela nota rasgada na máquina de lavar...
Encontrado a esquina do círculo principal.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

Se naquela madrugada fria eu tivesse falado “a” em vez de “b”...
E ela tivesse ouvido “a” em vez de “b”...
E todas as letras tivessem significado na placa de contramão.

(respira com o auxílio da máscara. Remove a máscara)

O mundo seria como um cego que se despede de seu cachorro.
Ele chora... (explicando quem chora) O mundo.
Mas o cego e o cachorro sorriem com suas bocas desdentadas.

(respira com auxílio da máscara. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte)

SONO
(após breve tempo olhando o horizonte, rígida e amordaçada) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição por certo tempo. Volta à posição anterior. Dorme. Velhas param de se abanar)

VELHA 2
(olhando fixamente o horizonte, sem entender) O que foi que ele disse?

VELHA 1
(sem entender) Acho que alguma coisa sobre Corega.

VELHA 2
(sem entender) Corega?

VELHA 1
Aquele negócio para colar dentadura.

VELHA 2
Ah.

(velhas voltam a se abanar. Homem remove a máscara)

HOMEM
Não precisa dizer que há na estante empoeirada uma pilha de livros...
Ele pergunta se são os livros certos... Os escritores premiados...

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

(furioso) Ninguém sabe? Não foram informados?
Somente as ruas têm sentido! Direita e esquerda. Para frente e para trás.
Nunca para os lados! Nunca para os lados!

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

A linha reta e seu vazio.
Uma matemática de números imprecisos...
De valores intangíveis... De formas indesejáveis.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

Como a moça gorda diante da vitrine...
Os brigadeiros passando em alta velocidade...
As fritas seduzindo a narina esquerda.
O vestido que sempre quis usar.

(respira com o auxílio da máscara. Remove a máscara)

E o desfile na passarela... nos comerciais... nos outdoors.
Anorexia... bulimia... afazia... diplomacia.
Templos da moda...

(respira com auxílio da máscara. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte)

SONO
(após breve tempo olhando o horizonte, rígida e amordaçada) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição por certo tempo. Volta à posição anterior. Dorme. Velhas param de se abanar)

VELHA 2
(olhando fixamente o horizonte, sem entender) O que foi que ele disse?

VELHA 1
(sem entender) Acho que alguma coisa sobre o McDonald's.

VELHA 2
(entendendo) Sei, sei. Lugar de gente feliz!

VELHA 1
(corrigindo) Isso é o Pão de Açúcar.

VELHA 2
Ah.

(velhas voltam a se abanar. Homem remove a máscara)

HOMEM
(rancoroso) Macacos de calça jeans...
Joaninhas de minissaia. Baratas com vestido de baile.
O corpo e o desastre.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

O acidente que espera... O verme que aguarda.
Que bate à porta a cada dia...
A cada manhã... a cada suspiro.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

Como o segredo anunciado na poltrona escura...
Numa madrugada clara.

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

Dois ratos com vestidos brancos e bolinhas azul-bebê...
Revelaram para todos os supercílios...
Que o segredo...
O grande segredo para salvar o universo...

(respira com auxílio da máscara. Remove a máscara do rosto)

É manter o pau ereto e o cu aberto.
O pau ereto e o cu aberto.

(respira com auxílio da máscara. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte)

SONO
(após breve tempo olhando o horizonte, rígida e amordaçada) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição por certo tempo. Volta à posição anterior. Dorme. Velhas param de se abanar)

VELHA 2
(olhando fixamente o horizonte, sem entender) O que foi que ele disse?

VELHA 1
(olhando fixamente o horizonte, constrangida) Acho que ele falou “cu”.

(velhas voltam a se abanar, constrangidas. Homem remove a máscara)

HOMEM
Afinal o que é isto?
Isto é sentar num bar com os amigos?
Ir à igreja e apelar aos santos?
Meditar em montanhas distantes?
Ler todas as bibliotecas?
Enfiar em todos os buracos?
Cantar para as multidões?
Roubar, burlar e matar?
Sentar e desistir?
Avançar cada vez mais?
E mais e mais e mais.

(respira com auxílio da máscara. Sono bruscamente senta no banco. Olha o horizonte)

SONO
(após breve tempo olhando o horizonte, rígida e amordaçada) Ich bin Gott.

(Sono faz um gesto de saudação nazista, sustentando o braço na posição por certo tempo. Volta à posição anterior. Dorme. Velhas continuam se abanando, constrangidas)

VELHA 2
(abanando-se aceleradamente e constrangida) Está quente aqui.

VELHA 1
(abanando-se aceleradamente e constrangida) Não acha?

(Homem remove a máscara)

HOMEM
Para onde? Para onde? Para onde?

(Homem morre. Velhas continuam se abanando por longo tempo)

VELHA 1
Ah, minha querida! Já ia me esquecendo.

VELHA 2
O quê?

VELHA 1
Sabe quem morreu?

VELHA 2
Quem?

(Velha 1 aponta para Homem, sustentando o braço na posição. Todos permanecem parados na posição. Em seguida, entram os enfermeiros, eufóricos e aplaudindo)

ENFERMEIRO 1
(eufórico) Muito bem! Muito bem!

(todos descongelam, exceto Homem. Começam a observar os enfermeiros)

ENFERMEIRO 2
(eufórico) Uma excelente performance!
Uma majestosa apresentação!
Uma inigualável...

(Homem bruscamente senta na maca, interrompendo o elogio)

HOMEM
(feliz como uma criança) Acha mesmo?

ENFERMEIRO 1
(eufórico) Digna de um Reginaldo Faria! De uma Deborah Secco! De um Tarcisio Meira!

ENFERMEIRO 2
(eufórico) Palmas para nossa estrela!

(todos aplaudem, assobiam, urram. Jogam serpentinas e confetes. Homem levanta da maca e faz reverências para os outros, que continuam aplaudindo e caminham em direção a ele para cumprimentá-lo. Enfermeiro 1 assume ares de um mestre-de-cerimônias e vai até o centro frontal do palco para anunciar a nova atração, muito emocionado, enquanto Homem é cumprimentado por todos os demais)

ENFERMEIRO 1
(falando para o público) E agora meus amigos...
Depois dessa magnânima demonstração do que há de melhor no teatro nacional...
No teatro mundial... No teatro intergaláctico...
É com imenso orgulho que trago para vocês diretamente do Quirguistão...
Encerrando as atividades desta noite festiva em que nossa digníssima empresa completa mais um ano de excelentes serviços prestados à população brasileira...
A newultramegablasterpopmusa...
Sonja Fodorovska!

(todos aplaudem mais ainda, inclusive Homem. Começam a assobiar)

E não se esqueça nunca:

(dá um comando com um dos braços. Todos param de aplaudir. Em seguida, falam juntos)

TODOS
Fábrica de Supositórios Brasil: há 250 anos fazendo seu cu mais feliz!

(todos voltam a aplaudir e a assobiar. Fodorovska entra em cena vestida como superstar e com óculos escuros. Traz um microfone e um pedestal. Coloca o microfone e o pedestal no canto direito frontal do palco. Ajusta o microfone. Começa a cantar, de frente para a plateia. A música é absolutamente inexpressiva e lenta, e sua cantoria é igualmente sem expressão. Apesar disso, assim que começa a cantar, os outros começam a dançar em ritmo de música eletrônica)

SONJA FODOROVSKA
I am blue. So blue. Blue.
I am yellow. So yellow. Yellow.
I am green. So green. Green.
I am red. So red. Red.

(Fodorovska repete a estrofe várias vezes, mas aos poucos uma música eletrônica começa a invadir a cena até chegar a alto volume, encobrindo a voz da estrela. Todos continuam dançando, enquanto as luzes vão caindo em resistência até o blecaute. Fim)